

# O Nome de Deus

A oração "Pai Nosso" começa com a palavra *Pai*. Não lhe dá nome, diz apenas "Pai Nosso". Não lhe dá nome porque, em verdade, nenhum nome lhe convém.



Os nomes existem para designar as coisas. Cada nome procura destacar o ser por ele designado de todos os demais seres. Ora, acontece que este Pai ao qual a oração se refere é um Ser que está inteiro em todos os seres, em absolutamente todos os seres. É o *Todo-em-Tudo*. É claro que a nossa capacidade racional é totalmente incapaz de compreender que o *Todo* possa estar em todos os seres, até mesmo na partícula mais ínfima de cada átomo, assim como no brilho de cada estrela, e no zumbido de cada inseto e no ruflar da brisa na ramagem das árvores, como também em cada alento de nossa respiração e no pulsar de nosso sangue, e em cada sonho que somos capazes de sonhar e em cada impulso nosso, desde os mais brutais até os mais sutis e elevados. Por outro lado, também somos completamente incapazes de admitir que este *Ser-Todo-Um* possa se repartir e se pulverizar para que alguma mínima parcela d'Ele habite cada coisa criada.

Em verdade, assim como a unidade (o *Um*) está inteira em todos os números, assim também este *Pai*, Princípio de tudo, está inteiro em todas as coisas. De fato, é o *Todo-em-Tudo*. É a total transcendência e, ao mesmo tempo, a total imanência.

Sendo assim, como querer destacá-lo dos demais seres, atribuindo-lhe um nome?

Além disso, cada nome designa um ser definindo-o. Definir é pôr fins, pôr limites, demonstrando o que ele é, separando-o do que ele

não é. Ora, este *Pai* é um ser sem fim e sem limites. Portanto, impossível defini-lo, dando-lhe um nome; impossível, também, limitá-lo ou delimitá-lo.

Essa idéia de que nenhum nome seja conveniente à divindade, nós a encontramos em civilizações as mais diferentes nas mais diversas regiões do globo.

Por exemplo, num dos mais antigos Upanishads, os quais de certa maneira foram elaborados para comentar os quatro Vedas, os mais antigos e os mais importantes livros sagrados da Índia, e, portanto, remontando a alguns milênios antes de Cristo, encontramos o seguinte: A significação de Brahman é expressa por *neti-neti* (não assim, não assim), pois, além disso, tudo que for dito sobre ele é falso (*Brihad Aranyaka Upanishad*). E, no século IX depois de Cristo, o grande sábio Shankara, que deixou por escrito, na forma que até hoje conhecemos, a antiqüíssima Canção de Bhagavad (o Bhagavad Gita), e no qual condensou o quanto possível o pensamento mais profundo dos Upanishads, ensinava que: Ele não pode ser identificado por palavras como "ser", ou "sendo", no sentido comum, significando a categoria das coisas. Nem pode ser identificado por qualidades, porque é sem qualidade... Nem pode ser relacionado, pois "é sem segundo", e não é objeto de nada, a não ser de si mesmo. Portanto, não pode ser definido por palavra ou idéias. Como dizem os Vedas, Ele é o *Uno*, diante do qual todas as

palavras recuam.

*Lu Tsou, autor chinês de um maravilhoso livro, "O Segredo da Flor de Ouro", livro este que foi recentemente apresentado ao mundo ocidental pelo grande sábio alemão Richard Wilhelm (a quem também devemos a melhor tradução do "Y-King"), inicia o primeiro capítulo com as seguintes palavras: Aquilo que é por si mesmo... não tem nome e é sem forma.*

*Na Grécia antiga, entre os filósofos pré-socráticos (entre os séculos VI a V antes de Cristo), que foram, sem dúvida, os mais profundo pensadores da civilização helênica, pairava o mesmo espírito. Lá encontraremos, entre outros, Anaximandro de Mileto, que procurando traduzir em palavras um pouco da antiqüíssima sabedoria do Orfismo, dizia que o Princípio de todas as coisas só podia ser expresso por uma idéia negativa, pois que nada de positivo podemos saber dele, e, portanto, só se definiria por uma palavra que afirmasse a negação — Apeiron, que significa: aquilo que é totalmente impossível de ser definido.*

*No mesmo século (VI antes de Cristo), mas na outra extremidade do mundo, Lao-Tsé, filósofo chinês, na segunda frase de seu pequeno e extraordinário livro "Tao Te King", escreveu que o nome que pode ser pronunciado não é o Nome Eterno.*

*Na mesma ordem de idéias, desenvolveu-se à sua maneira a teologia muçulmana, denominada também Islamismo. Pela tradição Sufista (que sempre foi constituída pela mais alta cúpula intelectual e espiritual dos seguidores de Maomé), Deus tem 99 nomes, isto é, 100 menos um. Ora, precisamente esse 1 que falta para completar a centena é que na realidade corresponde ao Nome Verdadeiro, ao "Grande Nome", ao nome que ninguém conhece. Todos os demais 99 se referem, não à própria divindade, mas a atributos, a prerrogativas, ou a manifestações da divindade. O "Grande Nome", para nós mortais, é sem nome.*

*Cerca de 2.100 anos antes de Maomé, encontramos o mesmo pensamento exposto de maneira viva e calorosa na antiga tradição hebraica, que para nós, cristãos, nos é muito mais familiar. No segundo livro do Pentateuco, o Êxodo, lê-se a narrativa do episódio no qual o Senhor apresenta-se a Moisés no alto da Montanha Horeb, e, respondendo à pergunta que Moisés lhe fez sobre qual era o seu nome, disse: Eu sou aquele que sou ("ehyeh ašer ahyeh"). Ora, dessa proposição, e particularmente da palavra "ehyeh", a qual, repetida duas vezes na primeira pessoa do presente do indicativo do verbo "howah, m hayah" significa "eu sou", elaborou-se o tetragrama que foi tido como o Tetragrama Sagrado: YHVH, JEVE*

*A pronúncia correta dessa palavra só era conhecida pelo Sumo Sacerdote e pronunciada em voz muito baixa, em murmúrio, uma só vez por ano, durante as cerimônias religiosas do Yom Quipur, no momento culminante do ritual no Avodá.*

*Todos os demais nomes da divindade, que pela tradição hebraica são 72, referem-se, como no Islã, a diversos atributos da divindade. O próprio Tetragrama Sagrado YHVH, Jeve, por sua origem etimológica, não é realmente um nome, pois se refere a uma proposição na qual se faz uma afirmação de presença: eu sou.*

*Aliás, o mesmo pensamento preside a formulação da palavra que encontramos no primeiro versículo do livro do Gênesis: "Em princípio, Elohim criou Céus e Terra". Essa palavra, Elohim, aliás totalmente intraduzível, foi composta do pronome "eles", ou "aqueles", e do verbo "ser - sendo" (AEloah), o qual, posto no plural, deu AElohim, o que significa "Aqueles-que-são", ou mais precisamente, segundo nos ensina o grande mestre Fabre d'Olivet, "Ele, Aqueles-que-são".*

*É curioso lembrar que Platão (do século IV antes de Cristo), sem ter recebido, ao que parece, nenhuma influência da cultura hebraica, mas mantendo o pensamento no mesmo tom de todos aqueles que, ao longo dos séculos e dos milênios e em qualquer civilização, permitiram que se desencadeasse nas profundezas de seu ser os mais altos anseios do homem, ele também designava o Primeiro Princípio com o atributo daquele que "é por si" (To auto).*

*Também Aristóteles, discípulo de Platão, cuidando da Filosofia Primeira, que ele considerava a mais alta das ciências, e usando como meio de conhecimento apenas a faculdade racional, ao referir-se ao "ser-enquanto-ser", demonstrou de maneira rigorosamente lógica que sobre esse ser apenas somos capazes de raciocinar por analogia negativa, isto é, afirmando o que o "ser-enquanto-ser" não é.*

*Quase dois mil anos depois de Aristóteles, no século XVI depois de Cristo, o grande Mestre Eckhart dizia: porque tagarelar tanto a respeito de Deus? Se nem o seu Nome podemos conhecer, tudo que d'Ele se disser é falso.*

*Em verdade, de tudo que somos capazes de pensar de mais alto, de uma coisa podemos ter certeza: isso não é Ele. Da mesma forma, tudo que podemos imaginar de mais sublime, de uma coisa podemos ter certeza: isso não é Ele. Portanto, de fato, nenhum nome lhe convém.*

*Por não ser possível atribuir-lhe nenhum, nome a oração "Pai Nosso" começa pela palavra "Pai".*

IGNÁCIO DA SILVA TELLES